

A MATEMÁTICA ESCOLAR EM BLUMENAU (SC) NO PERÍODO DE 1889 A 1968: DA NEUE DEUSTCHE SCHULE À UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

ROSINÉTE GAERTNER - FURB

Resumo

O presente trabalho resgata aspectos históricos que compõem a memória da educação e da matemática escolar da região de Blumenau (SC), de colonização alemã, no período de 1889 a 1968. A fim de atingir este objetivo utilizamos a História Oral (temática) como metodologia de investigação, acompanhada de pesquisa a registros escritos. O uso de fontes orais e escritas possibilitou conhecer a estrutura escolar e o funcionamento das escolas “alemãs”, criadas a partir de 1850 e extintas em 1938, com as leis de nacionalização, assim como aspectos da matemática escolar relativos aos conteúdos, formação dos professores, métodos de ensino e recursos didáticos utilizados. Apresentamos ainda considerações sobre a nova estrutura escolar, implantada após 1938, pelo governo estadual, e os seus reflexos sobre o ensino da Matemática.

Abstract

The present work gathers historical aspects which put together mathematics and school education memories in the region of Blumenau (SC), which has a German colonization, from the year 1889 to 1968. To achieve this goal we made use of Oral History (thematic) as an investigation methodology together with research through written records. The use of oral and written sources enabled us to know the schools structure and the general procedures of “Germans” schools, set up from 1850 and closed down in 1938, due to national laws, as well as the aspects of school mathematics regarding the contents, teachers’ qualifications, teaching methods and didactic resources used at the time. We also present considerations about the new school structure implemented after 1938, by the state government, and its consequences on the mathematics teaching.

INTRODUÇÃO

A história de sua gente tem levado o homem a desenvolver pesquisas em busca do resgate de suas raízes e da preservação de sua cultura. Essas investigações permitem ao indivíduo a aquisição de conhecimentos que o auxiliam a conhecer o passado e compreender o presente, além de coletar e organizar dados que fazem parte da memória de uma sociedade ou comunidade, possibilitando a preservação de informações e registros diversos (livros, anotações, fotografias) para as próximas gerações e para futuros projetos investigativos.

Guiado por este pressuposto, em 2001, teve início um trabalho de pesquisa¹ com o objetivo de resgatar e tornar visíveis aspectos históricos que compõem a memória da Matemática Escolar do município de Blumenau, no período que compreende desde a criação da Escola Nova Alemã (1889) até o ano de 1968, quando surge o curso de Matemática na Universidade Regional de Blumenau.

Na pesquisa historiográfica que deu origem a este trabalho foi usada como metodologia a História Oral (temática), acompanhada, também, de dados obtidos em registros escritos.

¹ Este trabalho de pesquisa (nível de doutorado) está sendo desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Rio Claro, sob a orientação do Professor Doutor Antonio Vicente Marafioti Garnica.

Ao longo das últimas décadas, a História Oral tem sido utilizada em diferentes campos como o das ciências sociais, da história e, mais recentemente, da educação matemática², permitindo a constituição de registros históricos. Ela surge como metodologia de pesquisa nos anos 50 do século XX, nos Estados Unidos, Europa e México e se “baseia na gravação de testemunhos sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida e outros aspectos da história contemporânea” (AMADO, 2003, p. 28). No Brasil, a História Oral foi introduzida nos anos 1970, difundindo-se especialmente a partir da década de 1990, sendo reconhecida e discutida em eventos regionais e nacionais nas áreas de História e Ciências Sociais.

A base da História Oral é o depoimento gravado sendo que cada entrevista se constitui num documento original. Não raras vezes, o conjunto de relatos dos depoentes pode vir a auxiliar na reconstrução da memória de um grupo, permitindo, muitas vezes, uma nova interpretação dos fatos perpetuados por uma única versão e cristalizados pela História. Para Garnica (2002):

De um modo geral, acreditamos que a composição de cenários que a História Oral dá a conhecer permite que detectemos tendências que vão se manifestando nos depoimentos. Surgem como dados particulares, são reforçados por uma expressão, um caso, uma lembrança, e vão se mostrando em grande parte – se não em todos – dos depoimentos, de forma significativa. Vem como ausência, convergência ou até mesmo discordância entre pontos de vista. /.../ Não se trata de estabelecer verdades e preencher – de modo definitivo – as lacunas da memória e da história. Muito menos de julgar depoimentos e depoentes. Trata-se de inventariar possibilidades que outras pesquisas poderão levar à frente. (GARNICA, 2002, mimeo).

Ao utilizarmos a História Oral como metodologia na pesquisa historiográfica é necessário reconhecer duas de suas modalidades distintas: a História Oral de Vida e a História Oral Temática. A História Oral de Vida, “como o próprio nome indica, trata-se da narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa. /.../ é o retrato oficial do depoente.” (MEIHY, 2000, p. 61). Nela, o depoente tem liberdade de narrar sua trajetória de vida, revelando ou ocultando fatos, impressões e pessoas. Por sua vez, a História Oral Temática é vinculada ao testemunho sobre algum assunto específico. Para Garnica (2003)

O trabalho com História Oral Temática, ainda que, como na vida História de vida, pautado nos depoimentos orais recolhidos de pessoas particularmente significativas para o problema focado pelo pesquisador, centra-se mais em um conjunto limitado de temas. Pretende-se reconstituir “aspectos” da vida dos entrevistados: pretende-se auscultar partes de experiências de vida, recortes previamente selecionados pelo pesquisador. Certamente que, dada a atmosfera em que se espera transcorra a entrevista, fatos que deslizem para fora do campo temático previamente definido pelo pesquisador são também considerados, mas não terão, necessariamente, papel decisivo na interpretação da narrativa colhida. (GARNICA, 2003, p. 18)

Esta modalidade, por basear-se em assunto específico e previamente estabelecido, utiliza-se, frequentemente, de questionários ou roteiros de entrevistas já que o recorte do tema deve ficar de tal modo explícito que permita a abordagem do que se decidiu procurar. Meihy (2000) observa que a História Oral Temática é a que mais se aproxima das soluções comuns e tradicionais dos trabalhos em diferentes áreas do conhecimento acadêmico sendo que detalhes

² Em 2002 foi consolidado o grupo de pesquisa em História Oral e Educação Matemática sob a coordenação do Professor Doutor Antonio Vicente Marafioti Garnica. Ele é composto por professores, alunos de graduação e de pós-graduação (mestrado e doutorado). Nominalmente: Antonio Carlos Carrera de Souza, Antonio Vicente Marafioti Garnica, Carlos Roberto Vianna, Emerson Rolkouski, Gilda Lúcia Delgado de Souza, Helenice Seara, Heloísa da Silva, Ivani Galetti, Ivete Maria Baraldi, Luzia Aparecida de Souza, Maria Ednéia Martins, Marisa Rezende Bernardes, Rosinéte Gaertner e Sílvia Regina Vieira da Silva.

da vida pessoal do narrador apenas interessam na medida em que revelam aspectos úteis à informação temática central.

Ao se optar pela História Oral Temática, freqüentemente, utiliza-se a documentação escrita em conjunto com a oral. Entende-se que as fontes orais e as escritas não são excludentes, no sentido de que uma não tem a função de anular a outra. Os dois tipos produzem informações distintas, estando sua relevância na dependência de sua articulação no interior de uma teoria e do lugar que ocupe nesta. Também, nem uma fonte é usada com o objetivo de completar lacunas deixadas pela outra (apesar deste fato, às vezes, acontecer). Há acontecimentos que nunca poderemos saber a partir de documentos escritos e, também, há acontecimentos nos quais a pesquisa oral não é a adequada; ambos os tipos têm limitações. O que parece evidente é que, tanto as fontes orais quanto os registros escritos são diferentes pela sua origem, mas que, pelo menos, devemos acreditar que o entrelaçamento entre elas é possível e “fundamental enquanto possibilidade de aprofundar o próprio trabalho da memória na reconstrução das experiências.”(MARCON, 2000, p. 34). O diálogo entre fontes, encarado de maneira dinâmica em suas múltiplas e mútuas influências, vem a constituir novas e ricas possibilidades de escrever uma história. Esta relação dialética entre as fontes orais e a documental é também defendida por Joutard (apud GARRIDO, 1993, p. 38): “sem fontes escritas que permitam estabelecer a distância entre o dito e o não-dito, ou o que foi dito de forma diferente, não há verdadeira história oral”.

Assim, nesta pesquisa, além de onze depoimentos³ tomados junto a ex-alunos e professores de matemática de escolas de Blumenau, dados colhidos em registros escritos (livros, relatórios, documentos oficiais, jornais, entre outros) foram também empregados. A busca não foi por uma história verdadeira e única, mas o contar de uma versão da história, escrita a partir do entrelaçamento entre as fontes orais e escritas.

UM BREVE PANORAMA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR EM BLUMENAU NO PERÍODO DE 1889 A 1968

A educação de sua gente foi uma preocupação constante do município de Blumenau desde os primórdios de sua colonização, iniciada em 1850, por Hermann Bruno Otto Blumenau e outros 17 imigrantes alemães. Oberacker Júnior (1985) observa que uma vez que o governo catarinense pouca atenção dispensou à educação da região, apesar dos insistentes apelos dos imigrantes, puseram-se, então, os colonos a construir e criar escolas, impulsionados pela necessidade de proporcionar o mínimo de instrução aos seus filhos. Surgiram assim as *Schulgemeiden* (Comunidades Escolares) que construíam suas escolas e pagavam seus professores. Essas escolas faziam uso de programas, métodos e materiais didáticos pedagógicos vindos da Alemanha.

Com o passar do tempo, o número das escolas comunitárias (particulares) crescia ano a ano. Silva (1988) aponta que em 1867 existiam doze estabelecimentos de ensino na Colônia, freqüentados por 263 crianças. Em 1875, havia 25 escolas particulares e somente duas escolas públicas.

Em 1889, é fundada a *Neue Deutsche Schule* (Escola Nova Alemã). A estrutura educacional desta escola era apurada sendo considerada a “escola-modelo” da região, com o maior número de alunos e de professores. O Relatório Escolar de 1910, apresentado aos governos municipal e estadual pelo diretor George August Büchler, informava que existiam cinco classes nesse ano, sendo:

- a 4ª classe para os alunos do 1º ano escolar
- a 3ª classe para os alunos dos 2º e 3º anos escolares
- a 2ª classe para os alunos dos 4º e 5º anos escolares
- a 1ª classe para os alunos dos 6º e 7º anos escolares

³ Os depoentes que participaram da pesquisa foram: Waltraud Koch, Dagobert Günther, Cora Bridon dos Santos, Johanna Helene Kuehn, Erika Martins Flesch, Lothar Schmidt, Wilson Alves Pessôa, José Valdir Florian, Alfredo Petters, Almerindo Brancher e Rubens Lippel.

- a Selecta para os alunos dos 8º, 9º e 10º anos escolares.

O ensino ministrado era equivalente ao do atual ensino médio sendo que a Selecta (curso preparatório para os alunos que desejassem cursar a Universidade) tinha as seguintes matérias (denominação que consta no documento): Alemão, Português, Inglês, Francês, Matemática, Física e Química, História Natural, Geografia, História, Escrita Mercantil, Desenho e Ginástica. A maioria dos professores era natural da Alemanha ou filho de imigrante. O idioma utilizado era o alemão, mas havia a preocupação de se ensinar o Português já a partir da 3ª classe. O uso de ambas as línguas era permitido pela política educacional estadual implantada por Orestes Guimarães – professor paulista contratado pelo Governo do Estado, em 1911, como Inspetor Geral da Instrução - que defendia uma ação nacionalizadora voltada para a assimilação do imigrante em que era possível a convivência bilíngüe nas escolas.

Entretanto, como consequência da declaração de guerra entre o Brasil e o Império Alemão, em novembro de 1917, foram fechadas todas as 113 escolas particulares de Blumenau para se proceder a uma verificação, ficando em funcionamento apenas as oito escolas públicas e o Grupo Escolar existentes. Ao mesmo tempo era sancionada uma lei que obrigava o ensino da Língua Portuguesa, de História do Brasil, Educação Cívica, Geografia do Brasil, cantos e hinos patrióticos, tendo ainda sido criadas escolas preparatórias para os professores das escolas estrangeiras. Em novembro do mesmo ano, a publicação de um decreto permitiu a reabertura das escolas particulares fechadas, desde que, após verificação feita pelo Inspetor de Ensino, ficasse constatado que o professor falava corretamente o português. Assim, uma a uma, as escolas foram reabertas sendo que, após o término da guerra, elas sofreram um grande incremento. Silva (1988) registra que em 1920 eram 40 escolas, em 1925 já eram 109 e em 1937 havia 173 estabelecimentos de ensino em Blumenau.

Nas escolas primárias do município de Blumenau, o ensino básico era composto de até seis anos de estudo e a dinâmica escolar é revelada pelo depoimento de uma ex-aluna duma pequena escola comunitária:

A escola tinha uma única sala onde o professor ensinava a todas as crianças, no mesmo horário. Era o professor Günther. Rudolf Günther. Estudávamos durante seis anos. Os alunos mais velhos ajudavam os do primeiro ano. Tínhamos aula de português, alemão, matemática - que era muito puxada - leitura, ditado. Toda quarta-feira tinha canto e, aos sábados, religião. Aos sábados, a aula era normal. Tínhamos também que recitar poesia. Era preciso decorar tudo. No primeiro ano, a aula era somente em português. No segundo, começava o alemão. Mas não era a manhã toda em alemão. Era sempre certa parte da aula em alemão. Todas as matérias. (Depoimento de Waltraud Koch, em 25 de abril de 2002)

Kormann (1994, p. 110) esclarece que os professores eram homens da própria comunidade, muitos deles “um homem idoso que não mais podia trabalhar no pesado na lavoura e que soubesse ler e escrever e, também, respeitado, fazendo uso da palmatória em último caso.” E, muitas vezes, sua tarefa não se restringia à atividade docente. Tinha a seu cargo a direção do coro, nas sessões religiosas, assim como a organização de atividades festivas e recreativas da comunidade.

A partir de 1934 a *Neue Deutsche Schule* sofre uma reformulação sendo adotada uma estrutura escolar semelhante à da Alemanha, contendo três dos seus níveis: *Kindergarten* (Jardim de Infância), *Grundschule* (Escola Primária) e *Realschule* (Escola Real). O primeiro atendia as crianças de três a seis anos de idade e funcionava num prédio próximo à escola. A *Grundschule*, com duração de seis anos de estudos, tinha como principais objetivos ensinar a ler, escrever e contar. Além disso, os primeiros contatos com a música, as artes e o esporte eram incentivados. Na *Realschule* (Escola Real), com duração de três anos, os alunos eram preparados para exercer uma profissão basicamente de nível médio, em empresas da região, na parte administrativa. O diretor da escola e muitos dos professores foram enviados pela Alemanha e possuíam formação universitária, alguns inclusive com o título de *Doktor*. A

reestruturação fez crescer o número de matrículas na escola sendo de quase 600 o número de estudantes em 1936.

Com o “Estado Novo”, regime implantado por Getúlio Vargas após o golpe de Estado de 10 de novembro de 1937, e suas leis de nacionalização do ensino, implantadas em Santa Catarina pelo interventor federal Nereu Ramos de forma rigorosa, centenas de escolas primárias particulares foram fechadas. O instrumento usado para a efetivação deste ato foi o Decreto-Lei nº 88 de 31 de março de 1938.

Os números do quadro abaixo, apresentados por Aquino (1942), mostram os reflexos da implantação deste Decreto:

Escolas particulares de ensino primário no Estado de Santa Catarina:

existentes em 1937	661
existentes em 1938	113
existentes em 1941	72
fechadas no espaço de quatro anos, de 1938 a 1941	589

Quase todas as escolas comunitárias particulares de Blumenau foram fechadas. A *Neue Deutsche Schule*, devido a sua excelente estrutura física e grande importância para a região, sofre sérias intervenções sendo que, em reunião realizada no dia primeiro de junho de 1938, presidida pelo Capitão Emanuel de Almeida Moraes da Quinta Região Militar de Santa Catarina, é destituída a diretoria. Todos os professores de nacionalidade alemã são demitidos, inclusive o diretor. O ensino de todas as matérias passa a ser, obrigatoriamente, em Português. Em 18 de outubro de 1938, a Escola Nova Alemã é renomeada de Escola Dom Pedro II e em 13 de junho de 1942, a escola, que ainda era particular, é “doada” pela comunidade para o Governo do Estado. Uma nova estrutura organizacional é adotada com a escola oferecendo dois níveis de ensino: o curso primário, em 4 anos, e o Complementar, dois anos, que se equiparavam aos primeiro e segundo anos do ginásio. Para os alunos, o período foi de medo e mudanças.

Durante a guerra, continuou a ter aula. Pra nós ficou mais difícil, porque a gente estava acostumada. Posso dizer o quê? Que era mais difícil porque era tudo em Português. Não podia mais falar Alemão; só podia uma vez por semana, mas não uma hora; menos. No recreio, a gente falava escondida, com medo. Na cidade, não podia. Era sempre shshsh: calados. Foi terrível! Os professores que eram da Alemanha? Só sei que depois não se encontravam mais. Eu não sei para onde foram; se foram para Alemanha ou se foram para outro lugar. Mas, eles não ficaram na escola. Vieram outros professores que só falavam português. (Depoimento de Johanna Kühn, em 18 de julho de 2002).

Em 1939, o governo municipal cria o Grupo Escolar Machado de Assis e mais 15 escolas municipais que vêm juntar-se às outras 17 escolas públicas já existentes. Este fato, aliado à exigência da obrigatoriedade do ensino fiscalizado, praticamente, marcou o fim das escolas primárias particulares restando apenas as sob direção de ordens religiosas, encerrando assim um período da história educacional do município.

Em 1946 é criada a ‘Escola Normal Pedro II’ com os cursos Ginásial e Normal sendo este o primeiro público de Blumenau, cessando o curso Complementar. Os cursos Clássico e Científico são implantados somente em 1957, quando a escola passa a denominar-se “Colégio Normal Pedro II”.

A MATEMÁTICA ESCOLAR NAS ESCOLAS DE BLUMENAU

O ensino de Aritmética (*Rechnen*) era tão prioritário nas escolas primárias quanto o do Alemão. Saber contar e escrever os números (numeração ilimitada), realizar operações de adição, subtração (método austríaco), multiplicação e divisão, os números decimais, as frações e

suas operações, os sistemas monetários e de medidas, a regra de três e cálculos com juros constituíam a base do estudo matemático, como atesta o depoimento abaixo:

Em Matemática, sabíamos de cor e salteado as quatro operações. Não usávamos palitinhos e essas coisas assim. As tabuadas de um até dez eram tomadas de trás pra frente, de frente pra trás, todos os dias. E fazíamos ainda muitos cálculos mentais, em problemas. Por exemplo: Você tem tantos objetos. Quanto daria se fosse multiplicado por sete? Se tirasse um? Tirasse dois? Fazíamos muitos problemas desse tipo. Eles envolviam as operações fundamentais, sim. Aprendemos também as frações, os decimais e as medidas: metro, centímetro, milímetro, litro; essas medidas básicas. Tudo o que era prático e básico era ensinado. (Depoimento de Erika Martins Flesch, em 28 de julho de 2003).

Este depoimento revela duas estratégias de ensino presentes nas aulas de Matemática: o cálculo mental e a resolução de problemas. O primeiro visava a fixação das operações elementares e, conseqüentemente, o desenvolvimento do raciocínio e da memória. O segundo mostra a preocupação com a aplicação da Matemática em situações da realidade.

A adoção de livros didáticos já ocorria, geralmente, a partir do terceiro ano de estudo. Eles eram escritos em alemão, idioma em que as aulas também eram ministradas. Comumente, estes livros eram doados pelo governo da Alemanha às escolas de Blumenau.

O programa de Matemática das classes mais avançadas (Selecta) contemplava, além do estudo da aritmética básica, conceitos de álgebra:

Arithmetica. Completação do pensum da 1. Secção da 1ª classe. Compendio Hamburguense de Arithmetica para o uso das escolas, vol. IV. Algebra. Bardey, collecção de problemas.

1. secção. 1. Repetição do pensum da II. Secção. 2. Equações do primeiro gráo, com uma incognita, excluidas as que se fundam em proporções, potencias, raizes e logarithmos. 3. Applicações das equações do primeiro gráo com uma incognita. 4. Proporções. 5. Potencias e raizes. 6. Continuação das equações do primeiro gráo. Quanto às applicações das equações do primeiro gráo usa-se: Fenkner, Arithmetische Aufgaben aus dem Gebiete der Geometrie, Physik und Chemie.

11ª secção. Introducção na arithmetica geral. 2. Adição e subtracção. 3. Numeros positivos e negativos. 4. Parenthesis. 5. Multiplicação. 6. Divisão (calculo de quocientes). 7. Decomposição em factores. Simplificação de fracções. O maior divisor commum de dous numeros. 8. Amplificação do quociente. Calculo de aggregados de fracções. (Relatório da Escola Nova Alemã, 1910, p. 15).

O ensino de Geometria e de Desenho já ocorria nas classes iniciais até das pequenas escolas comunitárias. Essas disciplinas eram estudadas de forma interdisciplinar envolvendo também o que hoje denominamos de Artes. A Escola Nova Alemã tinha uma sala ambiente para o ensino dessas matérias onde se encontravam, além de material de desenho, materiais didáticos vindos da Alemanha como sólidos em gesso e cartazes ilustrativos. O Relatório de 1910 traz os programas de Desenho da IIIª e IIª classes, sendo:

IIIª classe: (1) Ellipse. Forma natural: Limão. Forma fundamental: Elipse. Forma vital: Tábua, Espelho, Óculos; (2) Círculo. Forma natural: Laranja. Forma fundamental: Círculo. Forma vital: Bola, Balão, Roda; (3) Rectangulo. Forma natural: Tijolo. Forma fundamental: Rectangulo. Forma vital: Bandeira, Molde, Janella; (4) Quadrado: Forma natural: Dado. Forma fundamental: Quadrado. Forma vital: Dado. Xadrez.

IIª classe: Ellipse, círculo, oval. Rectangulo, quadrado. Todas essas figuras foram tratadas como formas: natural, fundamental, vital e de belleza. Exercícios de pincel e borrões. Combinações dos mesmos. Desenhar e pintar

plantas, paisagens simples. Introduzirem-se os exercícios de cortar figuras e combina-las em cenas. (Relatório da Escola Nova Alemã, 1910, p. 6).

A exploração das diferentes formas: natural, fundamental e vital, evidencia a preocupação em relacionar os conceitos geométricos com a sua presença no dia-a-dia. Esta preocupação não se limitava ao estudo da geometria. O Relatório de 1929 da Escola Nova Alemã registra a orientação dada aos professores de Matemática:

O ensino da arithmetica nas classes superiores deve ser dado o mais practicamente possível, tratando o assumpto do problema sobre temas, que appareçam na vida quotidiana. A solução delles deve ser achada pelos próprios alumnos com toda certeza e segurança. Principalmente o professor deve ter o maximo cuidado em não passar problemas cuja solução vise unicamente a regra. A criança deve resolver o problema analyticamente. Por exemplo: Regra de Juros: Capital, taxa, tempo, porcentagem não deve ser resolvida por meio das fórmulas. $J = \frac{C.T.tempo}{100}$. Na regra de juros o professor deve sempre fazer com que o alumno chegue a um por cento (1%). Para isso não se precisa de uma fórmula mechanica. (Relatório da Escola Nova Alemã, 1929, p. 16).

Com o fechamento das escolas alemãs, os professores de Matemática foram substituídos por outros, advindos de vários municípios. Tanto na escola primária quanto no curso Complementar, os docentes tinham a formação no curso Normal (quando tinham) obtida em Escolas Normais de Florianópolis. As pequenas escolas do interior eram regidas por complementaristas, já que não existiam normalistas em número suficiente para atender as necessidades das comunidades.

Na área de Matemática, não havia professores habilitados (ou que tivessem qualquer curso superior) em Blumenau, durante quase toda a década de 1940. A Escola Pedro II é uma exceção e contrata um ex-padre, com formação em Filosofia, para lecionar a disciplina. Esta tendência é observada também na década de 1950 quando se intensifica a chegada de ex-seminaristas ou ex-padres, descendentes de imigrantes da região, que chegam para lecionar Matemática nos cursos ginásial e científico implantados em algumas instituições escolares de Blumenau.

Ainda nesta década, diversos professores que atuavam em escolas da região sem habilitação são preparados pela CADES, Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, criada em 1953 e que tinha o objetivo de promover a elevação do nível e a difusão do ensino secundário no país. Baraldi (2003) observa que

Nas décadas de 1950 e 1960, a CADES prestou serviços à educação brasileira realizando cursos de treinamento para professores do ensino secundário, jornadas de diretores, simpósios de orientação educacional, encontros de inspetores do ensino secundário, cursos para secretários de estabelecimentos de ensino, bem como divulgando publicações, entre elas a “Revista da Escola Secundária”. (BARALDI, 2003, p.56).

A situação quanto à formação docente na área de Matemática vem a sofrer alterações, quando em 1968 é criado o curso de Licenciatura em Matemática pela então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Blumenau, hoje Universidade Regional de Blumenau.

Entre 1950 e 1968, nos níveis ginásial e científico, o estudo da matemática é feito basicamente com o auxílio de livros didáticos de autores nacionais, tais como: Jacomo Stávale, Ary Quintella, Algacyr Munhoz Maeder e Osvaldo Sangiorgi, sendo os programas de ensino determinados pelo livro adotado.

Palavras Chaves: Matemática Escolar, Blumenau, História Oral.

BIBLIOGRAFIA:

AQUINO, I. D'. *Nacionalização do Ensino*. 2. ed. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1942.

AMADO, J. O Cervantes de Goiás. *Nossa História*. São Paulo: Vera Cruz, ano 1, v. 2, p. 28 – 33, dez. 2003.

BARALDI, I. *Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção*. 2003. 288 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista. Rio Claro.

FLESCH, E. M. Depoimento concedido em 28 de julho de 2003. Blumenau.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática: um inventário. Bauru: UNESP - Departamento de Matemática, 2002. Mimeografado.

_____. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. *Zetetiké*. Campinas: CEMPEM, v. 11, n.19, p. 09 – 55, jan/jun 2003.

GARRIDO, J. de A. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 13, n. 25-26, p. 33 – 54, set.92/ago.93.

KOCH, W. G. Depoimento concedido em 25 de abril de 2002. Balneário de Camboriu.
KORMANN, E.S. *Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850 – 1985)*. Florianópolis: Paralelo 27, 1994.

KÜEHN, J. Depoimento concedido em 18 de julho de 2002. Blumenau.

MARCON, T. Fontes orais e escritas – algumas reflexões. *Cadernos do CEOM*. Chapecó: UNOESC, ano 14, n. 12, p. 25 – 44, jun.2000.

MEIHY, J.C.S. B. *Manual de História Oral*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

OBERACKER JUNIOR, C. H. *A Contribuição Teuta à Formação da Nação Brasileira*. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1985.

Relatório. *Sobre o 22º ano letivo da Escola Nova de Blumenau (1910)*. Apresentado pelo diretor G. A. Büchler.

Relatório. *Sobre o 40º ano letivo da Escola Nova de Blumenau (1929)*. Apresentado pelo diretor Hans Sätler.

SILVA, J. F. da. *História de Blumenau*. 2. ed. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988.

Rosinéte Gaertner

E-mail: gaertner@furb.br